

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora

Roselane Neckel

Vice-Reitora

Lúcia Helena Martins Pacheco

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Fábio Lopes da Silva

Conselho Editorial

Fábio Lopes da Silva (Presidente)

Ana Lice Brancher

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Clélia Maria Lima de Mello e Campigotto

Fernando Jacques Althoff

Ida Mara Freire

Maria Cristina Marino Calvo

Marilda Aparecida de Oliveira Effting

Pierre Bourdieu
Jean-Claude Passeron

Os herdeiros: os estudantes e a cultura

Tradução
Ione Ribeiro Valle
Nilton Valle

Esc Artes, Ciên e Humanidades



M033600

Editora da UFSC
Campus Universitário - Trindade
Caixa Postal 476
88010-970 - Florianópolis-SC
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686
Fax: (48) 3721-9680
editora@editora.ufsc.br
www.editora.ufsc.br



 editora ufsc

CAPÍTULO 1

A ESCOLHA DOS ELEITOS

Entre os Índios da América do Norte, o comportamento de visionário era altamente estilizado. O jovem que ainda não tinha “tido uma visão” habitualmente era levado a escutar muitos relatos das visões que tinham tido os outros homens, relatos que descreviam em detalhe o tipo de experiência que devia ser considerada como uma “verdadeira visão” e o tipo de circunstância especial [...] que validava um encontro sobrenatural e, portanto, conferia ao visionário o poder de caçar, de conduzir um plano de guerra, e assim por diante. Entre os Omaha, entretanto, os contos não davam detalhes sobre o que os visionários tinham visto. Um exame mais aprofundado levava claramente a perceber que a visão não era uma experiência mística democraticamente acessível a qualquer um que a buscasse, mas um método cuidadosamente guardado para conservar no interior de algumas famílias a herança do pertencimento à sociedade dos feiticeiros. Em princípio, a entrada na sociedade era validada por uma visão livremente buscada, mas o dogma segundo o qual uma visão era uma experiência mística não especificada que todo jovem podia ter e encontrar era contrabalançado pelo segredo, cuidadosamente guardado, referente a tudo o que constituía uma verdadeira visão. Os jovens que desejavam entrar na poderosa sociedade deviam isolar-se na solidão, jejuar, retornar e contar suas visões aos mais velhos, isso para ver anunciado, se não fossem membros das famílias da elite, que sua visão não era autêntica.

MARGARET MEAD, *Continuities in Cultural Evolution*

Basta constatar e lastimar a desigual representação das diferentes classes sociais no ensino superior para estar quite, de uma vez por todas, com as desigualdades diante da escola? Quando se diz e se rediz que há apenas 6% de filhos de operários no ensino superior, é para chegar à conclusão de que o meio estudantil é um meio burguês? Ou então, substituindo o fato pelo protesto contra o fato, não se faz esforço, frequentemente com sucesso, para persuadir-se de que um grupo capaz de protestar contra seu próprio privilégio não é um grupo privilegiado?

Sem dúvida, no nível do ensino superior, a desigualdade inicial das diversas camadas sociais diante da escola aparece primeiramente no fato de serem desigualmente representadas. Ainda seria preciso observar que a parcela de estudantes originários das diversas classes reflete apenas incompletamente a desigualdade escolar, as categorias sociais mais representadas no ensino superior sendo ao mesmo tempo as menos representadas na população ativa. Um cálculo aproximado das chances de acesso à universidade segundo a profissão do pai indica que em cem elas são inferiores a um para os filhos de assalariados agrícolas, quase setenta para os filhos de industriais e mais de oitenta para os filhos de membros das profissões liberais. Essa estatística mostra evidentemente que o sistema escolar opera, objetivamente, uma eliminação ainda mais total quando se vai em direção às classes mais desfavorecidas. Mas raramente se percebem certas formas ocultas de desigualdade diante da escola como a rejeição dos filhos das classes baixas e médias a algumas disciplinas e o atraso ou a repetência nos estudos.

Lê-se nas chances de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção que, ao longo de todo o percurso escolar, exerce-se com um rigor muito desigual segundo a origem social dos sujeitos; na verdade, para as classes mais desfavorecidas, trata-se puramente e simplesmente de *eliminação*.¹ Um filho de quadro² superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que um filho de operário; suas chances

¹ Ver tabela 1 e gráficos 1 a 4. Encontrar-se-ão em apêndice diferentes estatísticas sobre a população estudantil e uma nota sobre o método empregado para calcular as chances de acesso ao ensino superior e as probabilidades de fazer um ou outro tipo de estudo segundo a origem social e o sexo.

² Do original, *cadre*, abrange o pessoal com funções de comando ou de controle, que possui os níveis salariais mais elevados numa empresa ou no serviço público francês, distinguindo-se segundo o nível do diploma. (N.T.)

também são o dobro das de um filho de quadro médio. Essas estatísticas permitem distinguir quatro níveis de utilização do ensino superior: as categorias mais desfavorecidas têm hoje apenas chances simbólicas de enviar seus filhos para a faculdade (menos de cinco chances em cem); algumas categorias médias (empregados, artesãos, comerciantes), cuja proporção cresceu nos últimos anos, têm entre dez e quinze chances em cem; observa-se na sequência a duplicação das chances dos quadros médios (quase trinta chances em cem) e uma outra duplicação dos quadros superiores e das profissões liberais, cujas chances aproximam-se de sessenta em cem. Ainda que não sejam estimadas conscientemente pelos interessados, variações muito fortes nas chances escolares objetivas exprimem-se de mil maneiras no campo das percepções cotidianas e determinam, segundo os meios sociais, uma imagem dos estudos superiores como futuro “impossível”, “possível” ou “normal”, tornando-se por sua vez um determinante das vocações escolares. A experiência do futuro escolar não pode ser a mesma para um filho de quadro superior que, tendo *mais de uma chance em duas* de ir para uma faculdade, vê necessariamente em torno de si, e mesmo na sua família, os estudos superiores como um destino banal e cotidiano, e para o filho de operário que, tendo *menos de duas chances em cem* de lá chegar, conhece os estudos e os estudantes apenas por meio de pessoas ou de meios interpostos.

Se se sabe que as relações extrafamiliares estendem-se à medida que se sobe na hierarquia social, embora permaneçam em cada caso socialmente homogêneas, vê-se que a esperança subjetiva de acesso ao ensino superior tende a ser, para os mais desfavorecidos, ainda mais baixa que as chances objetivas.

Nessa distribuição desigual das chances escolares segundo a origem social, rapazes e moças estão *grosso modo* em condições iguais. Mas a ligeira desvantagem das moças aparece mais claramente nas classes baixas: se, globalmente, as moças têm pouco mais de oito chances em cem de acesso ao ensino superior enquanto os rapazes têm dez, a diferença é maior na parte baixa da escala social e tende a diminuir ou anular-se nos quadros superiores e nos quadros médios.

A desvantagem escolar exprime-se também na *restrição da escolha* dos estudos que podem ser razoavelmente vislumbrados por uma dada categoria. Assim, o fato de que as chances de acesso à universidade estão muito próximas para os rapazes e as moças de mesma origem social não deve esconder que após entrarem na faculdade todos têm grandes chances de não fazerem os mesmos estudos. Primeiramente, e independentemente da origem social, os estudos de letras são sempre mais prováveis para as

Tabela 1 As chances escolares segundo a origem social (1961-1962)

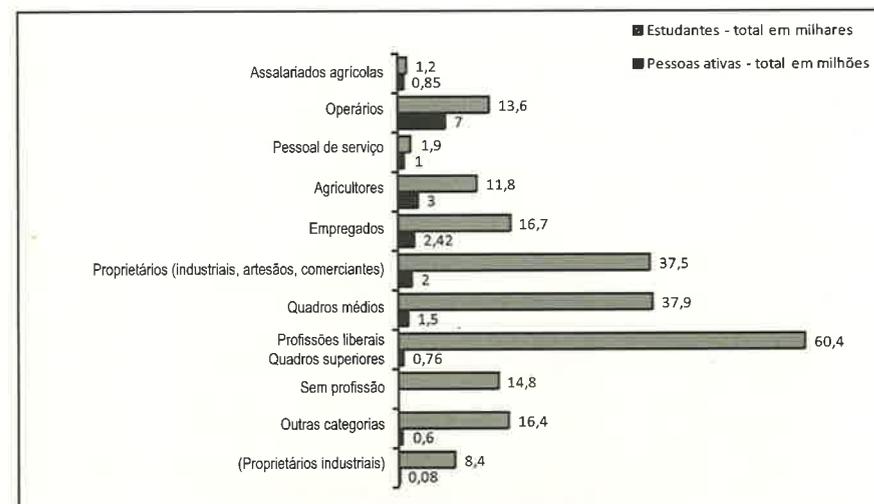
CATEGORIA SOCIO-PROFISSIONAL DOS PAIS		Chances objetivas (probabilidades de acesso)	PROBABILIDADES CONDICIONAIS				
			DIREITO	CIÊNCIAS	LETRAS	MEDICINA	FARMÁCIA
Assalariados agrícolas	Homem	0,8	15,5	44,0	36,9	3,6	0
	Mulher	0,6	7,8	26,6	65,6	0	0
	Total	0,7	12,5	34,7	50,0	2,8	0
Agricultores ⁽¹⁾	Homem	4,0	18,8	44,6	27,2	7,4	2,0
	Mulher	3,1	12,9	27,5	51,8	2,9	4,9
	Total	3,6	16,2	37,0	38,1	5,6	3,1
Pessoal de serviço	Homem	2,7	18,6	48,0	25,3	7,4	0,7
	Mulher	1,9	10,5	31,1	52,6	4,7	1,1
	Total	2,4	15,3	41,3	37,0	5,5	0,9
Operários	Homem	1,6	14,4	52,5	27,5	5,0	0,6
	Mulher	1,2	10,4	29,3	56,0	2,6	1,7
	Total	1,4	12,3	42,8	39,9	3,6	1,4
Empregados	Homem	10,9	24,6	46,0	17,6	10,1	1,7
	Mulher	8,1	16,0	30,4	44,0	6,1	3,5
	Total	9,5	21,1	39,4	28,6	8,6	2,3
Proprietários da indústria e do comércio ⁽¹⁾	Homem	17,3	20,5	40,3	24,9	11,0	3,3
	Mulher	15,4	11,7	21,8	55,7	4,8	6,0
	Total	16,4	16,4	31,8	39,1	8,1	4,6
Quadros médios	Homem	29,1	21,0	38,3	30,2	8,5	2,0
	Mulher	29,9	9,1	22,2	61,9	3,4	3,4
	Total	29,6	15,2	30,5	45,6	6,0	2,7
Profissionais liberais e quadros superiores	Homem	58,8	21,8	40,0	19,3	14,7	4,2
	Mulher	57,9	11,6	25,7	48,6	6,5	7,6
	Total	58,5	16,9	33,3	33,2	10,8	5,8

⁽¹⁾ Trata-se, nesses dois casos, de puras *categorias estatísticas*, compreendendo grupos sociais muito diversos: a categoria dos agricultores reagrupa todos os que exploram a terra independentemente do tamanho da exploração e a categoria dos proprietários da indústria e do comércio compreende, além dos artesãos e dos comerciantes, os industriais, os quais não foi possível isolar nesses cálculos, mas sabe-se que contam entre os mais importantes utilizadores do ensino superior (Cf. Apêndice 1, tabela 1.9). Uma leitura prudente da tabela seria portanto deter-se preferencialmente nas categorias mais homogêneas.

moças e os estudos de ciências mais prováveis para os rapazes: reconhece-se aí a influência dos modelos tradicionais da divisão do trabalho (e dos “dons”) entre os sexos. Geralmente, as moças estão mais condenadas às faculdades de letras e de ciências que preparam para uma profissão docente: as filhas de assalariados agrícolas que ingressam no ensino superior têm 92,2% de chances de ir para uma dessas duas faculdades, enquanto os rapazes de mesma origem têm apenas 80,9%; os percentuais são em seguida, respectivamente, de 85,3% e 80% para as filhas e filhos de operários, de 74,4% e 63,6% para as filhas e filhos de empregados, de 84,1% e 68,5% para as filhas e filhos de quadros médios e de 74,3% e 59,3% para as filhas e filhos de quadros superiores.

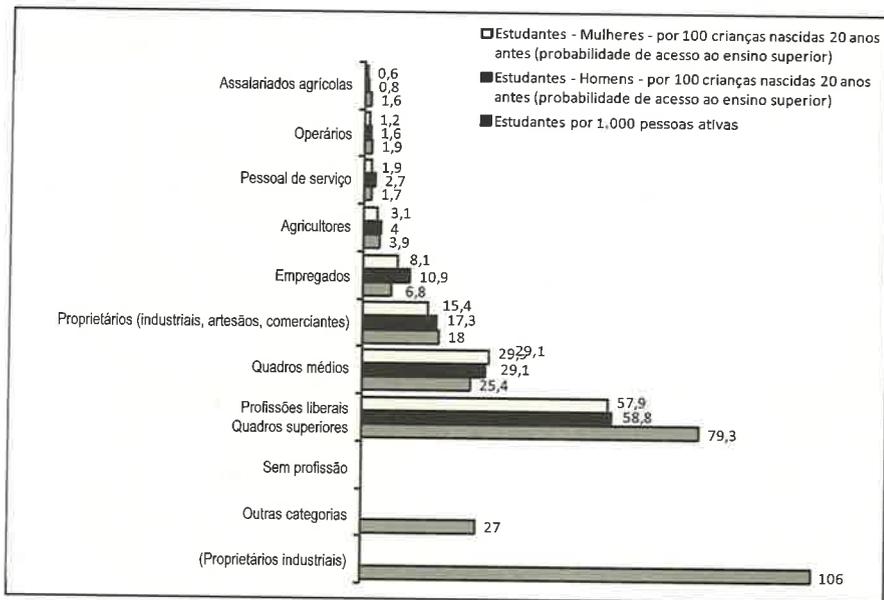
REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS CHANCES ESCOLARES SEGUNDO A ORIGEM SOCIAL*

Gráfico 1



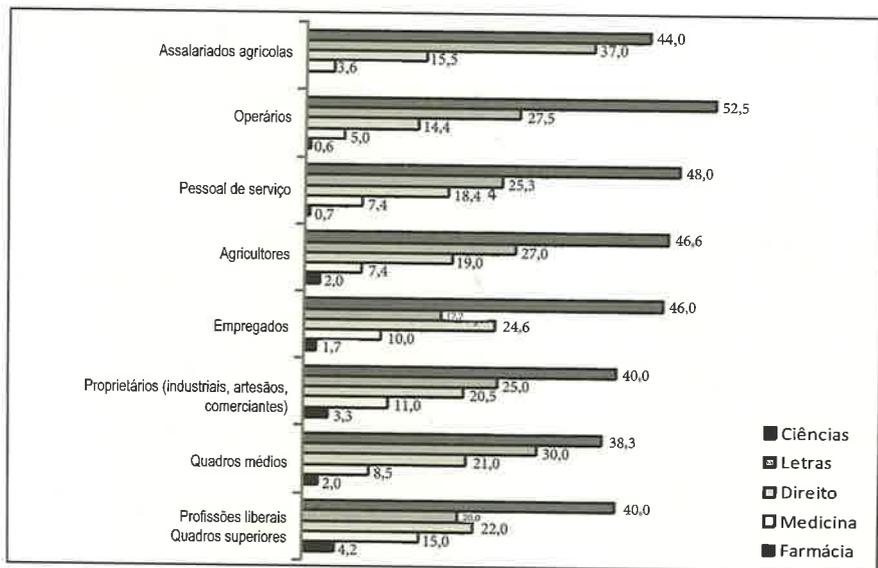
* Agradecemos a M. Bertin pelas representações gráficas (gráficos 1 a 4) que foram organizadas no laboratório de cartografia da École pratique des hautes études.

Gráfico 2



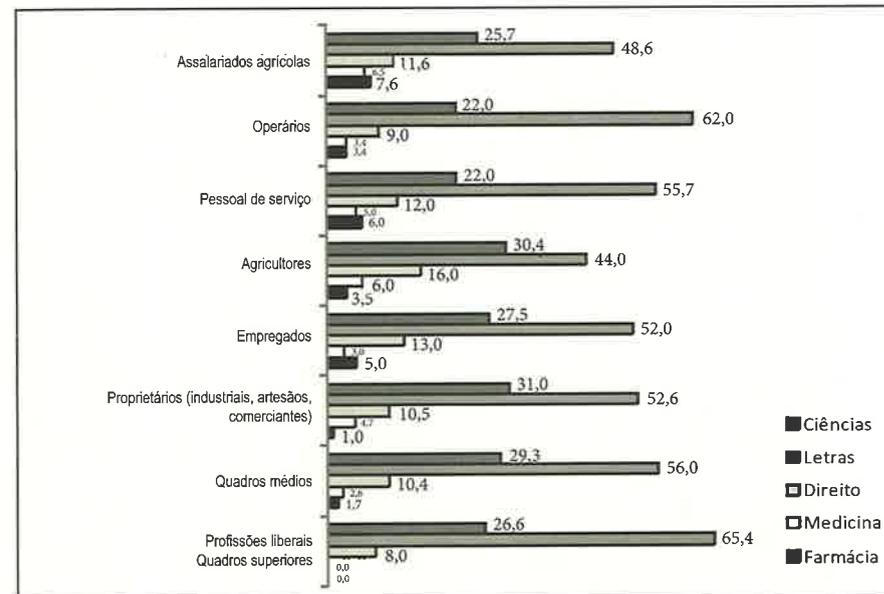
PROBABILIDADE DE ACESSO A UM DETERMINADO CURSO SEGUNDO A ORIGEM SOCIAL E O SEXO

Gráfico 3 Homens



A classificação dos cursos foi feita em função do número de estudantes inscritos em cada um deles e a classificação das categorias socioprofissionais segundo a taxa de probabilidade de acesso ao ensino superior.

Gráfico 4 Mulheres



A escolha tem ainda mais chances de ser limitada quando os estudantes pertencem a um meio mais desfavorecido. Pode-se observar no caso das filhas de quadros médios e das filhas de quadros superiores uma ilustração dessa lógica que impõe uma restrição mais ou menos severa às escolhas segundo a origem social na entrada no ensino superior. É na verdade no nível dos quadros médios que as chances de acesso das moças igualam-se às dos rapazes, mas ao preço de uma relegação às faculdades de letras (61,9% das chances) mais evidente do que nas demais categorias sociais (com exceção dos assalariados agrícolas); ao contrário, quando originárias da camada social superior, com chances de acesso sensivelmente iguais às dos rapazes, essas moças veem atenuar-se o rigor dessa condenação às faculdades de letras (48,6% das chances).

Em regra geral, a restrição das escolhas impõe-se mais às classes baixas que às classes privilegiadas e mais às estudantes que aos estudantes, a desvantagem sendo ainda mais acentuada para as moças de origem mais baixa.³

Enfim, se a desvantagem devida ao sexo exprime-se principalmente pela relegação às faculdades de letras, a desvantagem decorrente da origem social é a que mais pesa, pois se manifesta ao mesmo tempo na eliminação pura e simples dos jovens oriundos das camadas desfavorecidas e na restrição das escolhas oferecidas àqueles dentre eles que escapam à eliminação. Assim, esses estudantes devem pagar com a escolha forçada de letras ou de ciências sua entrada no ensino superior, que tem para eles duas portas e não cinco: os estudos de direito, de medicina ou de farmácia representam 33,5% das chances para os filhos e filhas de quadros superiores, 23,9% para os filhos e filhas de quadros médios, 17,3% para os filhos e filhas de operários e 15,3% para os filhos e filhas de assalariados agrícolas.

Mas as chances condicionais de inscrever-se nas faculdades de letras para os estudantes oriundos de uma determinada categoria traduzem apenas de maneira disfarçada a *relegação* dos sujeitos oriundos das classes mais desfavorecidas. Na verdade, um segundo fenômeno pode ser acrescentado ao primeiro: a faculdade de letras e, no interior desta, disciplinas como a sociologia, a psicologia ou as línguas também podem servir de *refúgio* para os estudantes das classes mais escolarizadas que, socialmente “obrigados” a uma escolaridade superior, orientam-se, na falta de uma vocação positiva, em direção a esses estudos que ao menos lhes fornecem a aparência de uma razão social. Uma parte relativa dos estudantes de letras, oriundos de uma determinada categoria social, está portanto equivocada pois a faculdade de letras pode ser para uns uma escolha forçada e para outros um refúgio.

Se for verdade que a desigual acessibilidade das diferentes disciplinas provoca o fenômeno da relegação, pode-se esperar que a hierarquia das instituições de ensino leve à monopolização das mais distintas pelos mais favorecidos. E por isso é na Escola Normal Superior e na Escola Politécnica que a proporção de alunos oriundos dos meios privilegiados atinge seu máximo, respectivamente, 57% e 51% de filhos de quadros superiores e de membros das profissões liberais; 26% e 15% de filhos de quadros médios.⁴

³ Esses comentários visam restituir as tendências que se percebem nas probabilidades condicionais e que, quase sempre, hierarquizam as chances em função da origem social; mas é preciso assinalar que a categoria dos empregados frequentemente rompe com as tendências mais confirmadas: assim as chances de fazer medicina são mais elevadas para os estudantes e as estudantes pertencentes a famílias de empregados do que para os estudantes e as estudantes filhos e filhas de quadros médios: ou ainda, são os filhos e filhas de empregados que têm as maiores chances (condicionais) de estudar direito. Pode-se perceber nisso, sem dúvida, algumas consequências da atitude de toda a pequena burguesia diante dos estudos e da ascensão social.

⁴ Cf. tabela 2.

Última manifestação da desigualdade diante da escola, o *atraso* e a *repetência* dos estudantes das classes mais desfavorecidas podem ser apreendidos em todos os níveis do *curso*: assim, a parcela de estudantes que têm a idade modal (isto é, a idade mais frequente para esse nível) decresce à medida que se vai em direção às classes mais desfavorecidas, a parcela relativa de estudantes de origem baixa tendendo a aumentar nas faixas etárias mais elevadas.⁵

Se for verdade que a escolha forçada das faculdades de ciências e de letras é uma manifestação da desvantagem escolar que está ligada aos sujeitos das classes inferiores e médias (até mesmo quando conseguem viver seu destino como vocação), se for verdade que os estudos de ciências parecem menos ligados à origem social⁶ e, enfim, se se aceita que é no ensino literário que a influência da origem social se manifesta mais claramente, parece legítimo ver nas faculdades de letras o terreno por excelência para estudar a ação dos fatores culturais da desigualdade diante da escola, cuja estatística, operando um corte sincrônico, revela somente o resultado: eliminação, relegação e atraso. O paradoxo que se quer na verdade é que os que estão em maior desvantagem cultural não exponham tanto a sua desvantagem justamente lá onde são relegados pela ação de suas desvantagens.

Os obstáculos econômicos não são suficientes para explicar o fato de que as taxas de “mortalidade escolar” diferem tanto segundo as classes sociais. Sobre isso não se teria nenhum outro indício e ignorar-se-iam as múltiplas vias, frequentemente contornadas, pelas quais a escola elimina continuamente as crianças originárias dos meios mais desfavorecidos, encontrar-se-ia uma prova da importância dos obstáculos culturais que devem superar esses sujeitos no fato de constatarem-se ainda no nível do ensino superior diferenças de atitudes e de aptidões significativamente ligadas à origem social, ainda que os estudantes que elas separam tenham sido submetidos durante quinze a vinte anos à ação homogeneizante da escola e que os mais desfavorecidos dentre eles devam somente a uma maior adaptabilidade ou a um meio familiar mais favorável a possibilidade de escapar da eliminação.⁷

⁵ Cf. Apêndice 2, tabela 2.11.

⁶ Cf. Apêndice 2, tabelas 2.51 a 2.53.

⁷ Cf. *infra*, páginas 42 e 44.

Tabela 2 Estatística da origem social dos alunos das grandes escolas (1961-1962)

PROFISSÃO DOS PAIS (profissão do chefe de família ou, na falta, da mãe ou do tutor)*	ESCOLAS			ESCOLAS		ESCOLAS		ESCOLA NORMAL SUPERIOR		ESCOLAS		AGRICULTURA			Para comparação origem social de 100 estudantes das universidades (Todos os cursos)		
	ESCOLAS			ESCOLAS		ESCOLAS		ESCOLA NORMAL SUPERIOR		ESCOLAS		AGRICULTURA					
	Politécnica	Central	Das minas (3)	Superior aeronáutica	Superior elétrica	Química ENSI ⁸ (14)	Nacional de Artes e Métiers	INSA ⁹ Lyon	Ulm e Sèvres	St-Cloud, Fontenay	Instituto e Política (5)	HEC ¹⁰	Escola superior comércio (12)	Instituto nacional agronomia		Escola nacional agronomia (3)	Escola nacional veterinária (3)
0 - AGRICULTORES	1	2	5	5	4	5	5	6	1	7	8	4	20	28	15	20,8	6
Proprietários exploradores	1	2	3	4	3	3	5	2		5	7	3		26			4
Fazendeiros, mecânicos, capatazes			2	1	1	2		4	1	2	1	1	20	2	15	6	2
1 - ASSALARIADOS AGRÍCOLAS							1	1		1							
2 - PROPRIETÁRIOS DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO	13	12	13	31	19	19	19	18	9	14	19	32	37	15	19	12	18
Industriais	5	3	4	18	6	5	4	2	2		8	12	18	3	2		5
Artesãos	2	2	3	4	3	4	9	7	2	7	3	3	19	2	2		4
Comerciantes	6	7	6	9	10	10	6	9	5	7	8	17		10	15		9

⁸ École nationale supérieure d'ingénieurs (Escola Nacional Superior de Engenheiros). (N.T.)

⁹ Institut national des sciences appliquées (Instituto Nacional de Ciências Aplicadas). (N.T.)

¹⁰ École des hautes études commerciales (Escola dos Altos Estudos Comerciais). (N.T.)

3 - PROFISSÕES LIBERAIS E QUADROS SUPERIORES	57	47	41	33	42	30	19	19	51	18	44	34	29	22	30	2,9	29
Profissões liberais	16	7	9	13	11	7	3	4	7		15	8	9	4	14		10
Professores (setor privado)	8								3	7	1			3			1
Professores (setor público)		4	10	4	3	3	2		26	9	2	1	8		4		5
Quadros superiores (setor privado)	14	20	11	5	11	10	8	5	4	3	15	17		8	3		7
Quadros superiores (setor público)	19	16	11	11	17	10	6	7	7	6	11	8		7	9		6
4 - QUADROS MÉDIOS	15	18	18	19	17	19	19	16	26	24	13	14		18	10	5,9	18
Professores primários (setor privado)	2	5							1		3			4			1
Professores primários (setor público)	7	4	4	4	4	5	5	6	13	14		2			5		5
Quadros médios (setor público)	3	13	8	11	5	7	6	4	5	6	7	6		6	4		5
Quadros médios (setor privado)	3	6	4	4	8	7	8	6	7	4	3	6		8	1		7
5 - EMPREGADOS	8	9	12	8	8	11	10	16	5	10	8	5	7	4	11	10,9	8
Empregados de escritório	5	9	11	7	6	7	7	13	3	7	5	3		3	9		5
Empregados do comércio	3	1	1	1	2	4	3	3	2	3	3	2		1	2		3

6 - OPERÁRIOS	2	2	5	2	7	7	17	14	3	15	2		5	5	2	33,8	6
Contramestre		1	1	1	2	2	5	2	1	3	1		2	1	2		2
Operários	2	1	4	1	5	5	11	11	2	12	1		3	4	2		3
Mão de obra							1	1									1
7 - PESSOAL DE SERVIÇO					1	1	2	2		2	1						1
8 - OUTRAS CATEGORIAS	3	4	1	1		3	3	5	1	4	2		1	2	8	3,6	8
9 - SEM PROFISSÃO	1	6	5	1	2	5	5	3	4	5	3		5	7	5	4,5	6
TOTAIS	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100	100	100

* No caso de pais aposentados ou falecidos, foi indicada a última profissão exercida.

Fonte: *La Documentation française*, n° 45, 1964.

De todos os fatores de diferenciação, a origem social é sem dúvida aquele cuja influência exerce-se mais fortemente sobre o meio estudantil, mais fortemente em todo caso que o sexo e a idade e sobretudo mais do que um ou outro fator claramente percebido, como a afiliação religiosa por exemplo.

Se a religião declarada é motivo de uma das clivagens mais patentes, se a oposição entre “*talas*”¹¹ e “*não talas*” ou “*antitalas*” tem uma função classificatória eminente, a afiliação religiosa e mesmo a prática assídua não determinam diferenças significativas, ao menos no que concerne às atitudes em relação à escola e à cultura escolar. Sem dúvida a participação em grupos ou movimentos confessionais (sobretudo católicos) é buscada pelos estudantes, e sobretudo pelas estudantes, durante os contatos organizados e regulares no interior de grupos secundários relativamente integrados, “*círculos*”, “*lares*” ou “*associações*”, que substituem o meio familiar; sem dúvida os estudantes católicos realizaram em sua maioria seus estudos secundários nos estabelecimentos privados (51% contra 7% dos não católicos); sem dúvida os engajamentos ideológicos ou filosóficos estão significativamente ligados à confissão e à taxa de prática: 43% dos católicos que se reconhecem numa escola de pensamento nomeiam o personalismo, somente 9% o marxismo e 48% invocam o existencialismo, enquanto 53% dos não católicos nomeiam o marxismo, somente 7% o personalismo e 40% o existencialismo; sem dúvida os estudantes católicos parecem aplicar nos seus estudos e na representação que fazem de sua futura carreira uma ética da boa vontade e do serviço para outrem que apresenta uma expressão particularmente lírica entre as moças. Mas, nas condutas e atitudes propriamente escolares, o pertencimento religioso jamais determina diferenças estatisticamente significativas.

Num meio que se renova anualmente e num sistema que atribui à precocidade um valor eminente, a idade e mais precisamente a antiguidade não têm sua significação habitual. Sem dúvida há condutas, atitudes e opiniões que marcam a influência genérica do envelhecimento: pode-se compreender nessa lógica que o engajamento político e sindical aumenta com a idade ou que a moradia independente tende a se tornar mais frequente assim como o trabalho fora dos estudos. Mas muitos fenômenos parecem ligados, ao contrário, ao que se pode chamar de *idade escolar*, isto é, a relação entre a idade real e a idade modal dos estudantes que frequentam

¹¹ Gíria para caracterizar alunos ou egressos da Escola Normal Superior. (N.T.)

um mesmo nível de estudos. Se é fácil isolar as condutas e as atitudes sobre as quais se exerce a influência do simples envelhecimento que aumenta a maturidade e a inclinação para a independência, é muito mais difícil apreender o sentido e a influência do *envelhecimento escolar*, porque os estudantes mais velhos não são somente estudantes envelhecidos, mas uma categoria de estudantes representada em todas as faixas etárias (e em graus diferentes em todas as classes sociais) e predisposta por certas características escolares ao envelhecimento nos estudos.¹² Enfim, a influência da idade jamais se exerce de modo unívoco nos diferentes domínios da existência e sobretudo em sujeitos originários de meios sociais diferentes e inseridos em estudos diferentes, a antiguidade podendo ser, como se viu, um aspecto do *handicap* social ou, ao invés, o privilégio do “eterno estudante”.

Definindo chances, condições de vida ou de trabalho totalmente diferentes, a origem social é, de todos os determinantes, o único que estende sua influência a todos os domínios e a todos os níveis da experiência dos estudantes e primeiramente às condições de existência. O hábitat e o tipo de vida cotidiana que lhe estão associados, o montante de recursos e sua repartição entre os diferentes postos orçamentários, a intensidade e a modalidade do sentimento de dependência, variável segundo a origem dos recursos, como a natureza da experiência e os valores associados à sua aquisição, dependem diretamente e fortemente da origem social ao mesmo tempo que substituem sua eficácia.

Como falar, mesmo simplificando, de “condição estudantil” para designar um meio onde a ajuda da família mantém 14% dos estudantes filhos de camponeses, de operários, de empregados e de quadros subalternos e mais de 57% dos filhos de quadros superiores ou profissionais liberais, enquanto 36% dos primeiros são forçados a exercer um trabalho fora de seus estudos e somente 11% dos segundos? A natureza ou o montante de recursos e, nesse sentido, o grau de dependência em relação à família separam radicalmente os estudantes segundo sua origem: além de disporem de menos de 200 a 900 francos mensais, os rendimentos não têm o mesmo sentido segundo a importância das facilidades anexas (o vestuário, por exemplo, pode ou não ser assumido pela família) e segundo a origem do dinheiro. Enfim, os estudantes que vivem com suas famílias são apenas parcialmente estudantes. Eles não precisam fazer esforço

¹² Cf. Apêndice 2, tabelas 2.21 a 2.28.

para multiplicar as oportunidades de participar da condição estudantil, é com uma imagem fascinante mais que com uma condição real, com suas necessidades satisfeitas, que eles se identificam com essa escolha, sempre revogável. Ora, oscilando (segundo a disciplina) entre 10% e 20% para os filhos de camponeses e de operários, a taxa de estudantes que vivem com suas famílias se eleva para 50% e às vezes 60%¹³ no caso dos estudantes (e sobretudo das estudantes) oriundos das classes altas.

Essas diferenças são muito patentes para serem postas em dúvida. Assim, geralmente é na atividade universitária dos estudantes que se descobre o princípio de definição que permite salvaguardar a ideia de que a condição estudantil é una, unificada ou unificante. Ainda que sejam diferentes em outras relações, os estudantes, quando considerados no seu papel de estudante, têm em comum o fato de estudar, quer dizer, na ausência de toda assiduidade ou de todo exercício, de submeter e de experimentar a subordinação de seu futuro profissional a uma instituição que, com o diploma, monopoliza um meio essencial do sucesso social. Mas os estudantes podem ter em comum determinadas práticas, sem que se possa concluir que eles têm uma experiência idêntica e sobretudo coletiva.

Usuários do ensino, os estudantes também são seu produto e não há categoria social na qual as condutas e as aptidões apresentadas levem com tanta intensidade a marca das aquisições passadas. Ora, como muitas pesquisas estabeleceram, é ao longo da escolarização, e particularmente durante as grandes transições da carreira escolar, que mais se exerce a influência da origem social: a consciência de que os estudos (e sobretudo alguns) custam caro e de que há profissões nas quais não se pode entrar sem algum patrimônio, as desigualdades da informação sobre os estudos e suas possibilidades, os modelos culturais que associam certas profissões e escolhas escolares (o latim, por exemplo) a um meio social, enfim a predisposição, socialmente condicionada, a adaptar-se aos modelos, às regras e aos valores que regem a escola, todo esse conjunto de fatores que faz com que se sinta “em seu lugar” ou “deslocado” na escola e que seja percebido como tal determina, apesar de todas as aptidões iguais, uma taxa de sucesso escolar desigual segundo as classes sociais, e particularmente nas disciplinas que supõem toda uma aquisição, quer se trate de instrumentos

¹³ Cf. Apêndice 2, tabelas 2.1 a 2.5.

intelectuais, de hábitos culturais ou de rendimentos. Sabe-se, por exemplo, que o sucesso escolar depende estreitamente da aptidão (real ou aparente) para manejar a língua com ideias próprias ao ensino e que o sucesso nesse domínio é sobretudo dos que fizeram os estudos clássicos.¹⁴ Vê-se portanto como os sucessos ou fracassos apresentados, que os estudantes e professores (inclinados a pensar na escala do ano escolar) têm tendência a imputar ao passado imediato, quando não ao dom e à pessoa, dependem na realidade de orientações precoces que são, por definição, o efeito do meio familiar. Assim, a ação direta dos hábitos culturais e das disposições herdadas do meio de origem é redobrada pelo efeito multiplicador das orientações iniciais (também produzidas pelos determinismos primários), as quais desencadeiam a ação de determinismos induzidos ainda mais eficazes quando se exprimem na lógica propriamente escolar, sob a forma de sanções que consagram as desigualdades sociais sob a aparência de ignorá-las.

Numa população de estudantes, não se apreende mais que o resultado final de um conjunto de influências decorrentes da origem social

¹⁴ Os estudos de B. Bernstein mostraram o lugar que tem, entre os obstáculos culturais, a estrutura da língua falada nas famílias operárias (Cf. "Social Structure, Language and Learning", *Educational Research*, 3 juin 1961, p. 163-167). Um teste de vocabulário visando apreender os fatores que condicionam, nos estudantes de filosofia e de sociologia, o sucesso nos diversos tipos de manejo da língua, desde a aptidão para a definição até a pesquisa dos sinônimos passando pela consciência explícita das polissemias, mostra que a formação mais clássica (latim e grego) constitui a variável de base mais fortemente ligada ao controle da linguagem; essa ligação é ainda mais forte quando o exercício pelo qual se mede o sucesso é mais escolar, atingindo seu máximo com o exercício de definição (Cf. *Rapport pédagogique et communication*, Cahiers du Centre de sociologie européenne. n. 2, Mouton, Paris, 1965; 1ère partie). Assim, a desvantagem ligada à origem social é substituída principalmente pelas orientações escolares, o sucesso no mais elevado nível dos estudos permanecendo estreitamente ligado ao passado escolar mais longínquo. O exame detalhado dos resultados do teste mostra aliás que o sucesso dos estudantes originários das diversas classes sociais só pode ser compreendido se se leva em conta a origem segundo a qual se opera a conversão contínua da herança social em herança escolar em situações de classe diferentes. É por isso, por exemplo, que os resultados dos filhos dos quadros superiores tendem a se repartir de maneira bimodal, revelando dessa forma que essa categoria estatística dissimula dois grupos diferenciados pelas suas orientações culturais e, sem dúvida, por características sociais secundárias, ou ainda que os estudantes originários das classes populares se sobrepõem a todos os outros grupos na categoria dos latinistas, a raridade dessa formação escolar implicando nesses estudantes uma sobresseleção relativa (Cf. Apêndice 2, tabela 2.44).

e cuja ação exerce-se há muito tempo. Para os estudantes originários das classes baixas que sobreviveram à eliminação, as desvantagens iniciais evoluíram, o passado social transformando-se em passivo escolar pelo jogo de mecanismos de substituição, tais como as orientações precoces e frequentemente mal informadas, as escolhas forçadas ou as repetências. Por exemplo, num grupo de estudantes da faculdade de letras, a proporção de estudantes que fez latim no secundário varia de 41% para os filhos de operários e agricultores a 83% para os filhos de quadros superiores e membros das profissões liberais, o que é suficiente para mostrar *a fortiori* (tratando-se de literatos) a relação que existe entre a origem social e os estudos clássicos, com todas as vantagens escolares que estes proporcionam. Pode-se reconhecer um outro indício da influência do meio familiar no fato de que a parcela de estudantes que diz ter seguido o conselho de sua família para a escolha de uma seção na primeira ou na segunda parte do bacharelado¹⁵ cresce ao mesmo tempo que se eleva a origem social, ainda que o papel do professor decresça paralelamente.

Observam-se diferenças análogas nas atitudes em relação ao ensino.¹⁶ Seja porque eles aderem mais fortemente à ideologia do dom, seja porque creem mais fortemente no seu próprio dom (ou nos dois juntos), os estudantes de origem burguesa, reconhecendo tão unanimemente quanto os outros a existência de técnicas do trabalho intelectual, testemunham um maior desdém àquelas que são comumente tidas como incompatíveis com a imagem romântica da aventura intelectual, como a posse de um fichário ou de uma agenda. Não há modalidades sutis da vocação ou da condução dos estudos que não revelem o caráter mais gratuito do engajamento intelectual nos estudantes das classes altas. Enquanto, mais seguros de sua vocação ou de suas aptidões, estes exprimem seu ecletismo real ou pretendido e seu diletantismo mais ou menos frutuoso pela grande diversidade de seus interesses culturais, os outros revelam uma maior dependência em relação à universidade. Quando se pergunta aos estudantes de sociologia se prefeririam dedicar-se ao estudo de sua própria sociedade, dos países do terceiro mundo ou à etnologia, percebe-se que a escolha dos temas e dos terrenos "exóticos" torna-se mais frequente à medida que a origem social

¹⁵ Exames nacionais realizados no final dos estudos do liceu (ou do ensino médio) visando conferir o grau de bacharel. (N.T.)

¹⁶ Cf. página 33, tabela 3 e também Apêndice 2, tabelas 2.6 a 2.13.

eleva-se. Da mesma maneira, se os estudantes mais favorecidos voltam-se com mais naturalidade às ideias em moda (vendo, por exemplo, nos estudos das “mitologias” o objeto por excelência da sociologia), não é apenas porque a experiência protegida que conheceram até então os predispõe a aspirações que obedecem ao princípio do prazer mais que ao princípio da realidade e porque o exotismo intelectual e a boa vontade formal representam o meio simbólico, isto é, ostentatório e sem consequências, de liquidar uma experiência burguesa exprimindo-a? Para que esses mecanismos intelectuais possam se formar, não é preciso que sejam dadas – e durante muito tempo – as condições econômicas e sociais da liberdade e da gratuidade das escolhas?

Se o diletantismo na condução dos estudos é particularmente o feito dos estudantes de origem burguesa, é porque, mais seguros quanto à manutenção de um lugar, mesmo fictício, ao menos numa disciplina de refúgio, eles podem, sem risco real, manifestar um desinteresse que supõe precisamente uma maior segurança: eles leem menos as obras diretamente ligadas ao seu programa e as obras menos escolares; eles são sempre os mais numerosos a fazer estudos múltiplos e a valorizar disciplinas distanciadas ou de faculdades diferentes; eles são sempre os mais inclinados a se julgar com indulgência, e essa maior complacência, que a estatística dos resultados escolares denuncia, assegura-lhes em muitas situações, o oral por exemplo, uma vantagem considerável.¹⁷ É preciso na verdade evitar ver na menor dependência dos estudantes burgueses em relação às disciplinas escolares uma desvantagem que compensaria outros privilégios: o ecletismo sinalizado permite tirar proveito das possibilidades oferecidas pelo ensino. Nada impede que uma parte (em torno de um terço) dos estudantes privilegiados transforme em

¹⁷ Convidados a exprimir sua opinião sobre seu próprio valor escolar classificando-se numa escala, os estudantes de origem burguesa recusam mais que os estudantes originários das classes baixas as categorias médias (75% contra 88%) e situam-se com mais naturalidade nas categorias dos “bons” e dos “muito bons” (18% contra 10%), enquanto os estudantes das classes médias apresentam em todos os casos atitudes intermediárias. Ora, nesse mesmo grupo, os estudantes das classes baixas apresentam resultados escolares regularmente melhores que os estudantes das classes altas: 58% dentre eles tiveram ao menos uma menção nos exames anteriores contra 39% dos estudantes das classes altas e a diferença é ainda maior no grupo dos estudantes que tiveram ao menos duas menções, no qual os estudantes das classes baixas são proporcionalmente duas vezes mais numerosos, 33,5% contra 18%.

Tabela 3 A origem social e a vida estudantil

	CONDICÕES DE EXISTÊNCIA				PASSADO				ATTITUDES EM RELAÇÃO À ESCOLA E À CULTURA									
	Moram com os pais	Recursos: ajuda familiar	Não trabalham, só estudam	Latim no 1º BAC	Assistente em várias disciplinas	Não possuem ficha	Interesse pela etnologia e por países sub-desenvolvidos	Preferência por profissões não universitárias	Hostis à participação sindical	Moram com os pais	Recursos: ajuda familiar	Não trabalham, só estudam	Latim no 1º BAC	Assistente em várias disciplinas	Não possuem ficha	Interesse pela etnologia e por países sub-desenvolvidos	Preferência por profissões não universitárias	Hostis à participação sindical
Camponeses Operários Empregados Quadros subalternos																		
Artesãos Comerciantes																		
Quadros médios																		
Quadros superiores Profissões liberais																		
Amplitude da variação	de 29% a 50%	de 14% a 59%	de 64% a 89%	de 41% a 83%	de 44% a 83%	de 56% a 76%	de 56% a 73,5%	de 30% a 52%	de 11% a 34%									

privilégio escolar o que pode constituir uma desvantagem para os outros, pois, ver-se-á, a escola atribui paradoxalmente o maior prêmio à arte de se distanciarem dos valores e das disciplinas escolares.

Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdam saberes e um saber-fazer, gostos e um “bom gosto” cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa. A cultura “livre”, condição implícita do sucesso universitário em algumas disciplinas, é repartida desigualmente entre os estudantes originários de meios diferentes, sem que a desigualdade dos rendimentos possa explicar as diferenças constatadas. O privilégio cultural é evidente quando se trata da familiaridade com as obras que somente a frequência regular do teatro, do museu ou do concerto (frequência que não é organizada pela escola, ou somente de maneira esporádica) pode oferecer. Ele é ainda mais manifesto nos casos das obras, geralmente as mais modernas, que são as menos “escolares”.¹⁸

Em qualquer domínio cultural medido, teatro, música, pintura, *jazz* ou cinema, os estudantes têm conhecimentos ainda mais ricos e mais amplos quando sua origem social é mais elevada. Se a grande variação da prática de um instrumento musical, do conhecimento das peças pelo espetáculo ou da música clássica pelo concerto não tem nada que possa espantar, pois os hábitos culturais de classe e os fatores econômicos acumulam aqui seus efeitos, causa surpresa que os estudantes se distingam muito claramente, segundo sua origem social, no que concerne à frequência dos museus e mesmo ao conhecimento da história do *jazz* ou do cinema, frequentemente apresentados como “artes de massa”. Se se sabe que no caso da pintura, que não é diretamente o objeto de um ensino, diferenças aparecem até mesmo no conhecimento dos autores mais clássicos e acentuam-se quando se trata das pinturas modernas, se também se sabe que a erudição em matéria de cinema ou de *jazz* (sempre muito mais rara do que nas artes consagradas) também é muito desigualmente repartida segundo a origem social, deve-se concluir que as desigualdades em relação à cultura não são em lugar algum tão marcadas quanto no domínio em que, na ausência de um ensino

¹⁸ Cf. tabela 4 e também Apêndice 2, tabelas 2.14 a 2.20.

Tabela 4 A origem social e a vida artística dos estudantes

	CONTATO DIRETO COM AS OBRAS			CONHECIMENTO DAS OBRAS MODERNAS			ENGAJAMENTOS CULTURAIS			ERUDIÇÃO E PRÁTICA: O CINEMA		
	TEATRO conhecimento em cena	MÚSICA conhecimento por concerto	PINTURA conhecimento por museu, exposição, coleções	TEATRO de vanguarda	MÚSICA moderna	PINTURA moderna	Prática de um instrumento musical	Posse de livros sobre arte	CINEMA conhecimento dos atores	CINECLUBE frequência regular	de 25% a 13%	de 52% a 64%
Classes baixas	de 26% a 61%	de 20% a 34%	de 21% a 39%	de 30% a 72%	de 41% a 68%	de 15% a 30%	de 15% a 39%	de 54% a 80%	de 52% a 64%	de 25% a 13%		
Classes médias												
Classes altas												
Amplitude da variação												

organizado, os comportamentos culturais obedecem aos determinismos sociais mais do que à lógica dos gostos e dos entusiasmos individuais.¹⁹

Os estudantes dos diferentes meios não se distinguem apenas pela orientação de seus interesses artísticos. Sem dúvida, os fatores sociais de diferenciação podem muitas vezes anular seus efeitos mais aparentes e o pequeno-burguês sério pode compensar a vantagem que oferece aos estudantes das classes altas a familiaridade com a cultura erudita. Mas os valores diferenciados que orientam comportamentos semelhantes podem se revelar indiretamente através de diferenças mais sutis. Isso se vê muito bem a propósito do teatro que, diferentemente da pintura ou da música, participa ao mesmo tempo da cultura ensinada na escola e da cultura livre e livremente adquirida. Os filhos de camponeses ou de quadros médios, de operários ou de quadros superiores podem manifestar um conhecimento equivalente do teatro clássico sem ter a mesma cultura, mesmo nesse domínio, porque não têm o mesmo passado cultural. Os mesmos saberes não experimentam necessariamente as mesmas atitudes e não produzem os mesmos valores: enquanto atestam em alguns o poder exclusivo da regra e da aprendizagem escolar (pois foram em grande parte adquiridos pela leitura livre ou escolarmente obrigatória mais do que pelo espetáculo), exprimem noutros, ao menos tanto quanto a obediência aos imperativos escolares, a posse de uma cultura devida primeiramente ao seu meio familiar. Assim, enquanto por um teste ou por um exame se estabelece uma constatação dos gostos e dos conhecimentos num dado momento do tempo, dividem-se num ponto determinado tantas trajetórias diversas.

Além disso, um bom conhecimento do teatro clássico não tem o mesmo significado para os filhos dos quadros superiores parisienses, que o associam a um bom conhecimento do teatro de vanguarda e mesmo do teatro de bulevar, e para os filhos de operários de Lille ou de Clermont-Ferrand, que, conhecendo bem o teatro clássico, ignoram tudo do teatro de vanguarda ou do teatro de bulevar. Vê-se com clareza que uma cultura puramente escolar não é somente uma cultura parcial ou uma parte

¹⁹ Uma origem social elevada não favorece automaticamente e igualmente todos os que dela se beneficiam. No caso da frequência do teatro ou dos concertos, a repartição dos filhos de quadros superiores é bimodal: uma parcela da população (um terço aproximadamente) claramente se distingue por suas *performances* do resto da categoria e também do resto da população estudantil. Cf. Apêndice 2, tabelas 2.14 e 2.19.

da cultura, mas uma cultura inferior pois os mesmos elementos que a compõem não têm o sentido que teriam num conjunto mais amplo. A escola não exalta na “cultura geral” todo o oposto do que ela denuncia como prática escolar da cultura daqueles cuja origem social condena a terem somente aquela cultura devida à escola? Cada conhecimento deve portanto ser percebido ao mesmo tempo como um elemento de uma constelação e como um momento do itinerário cultural na sua totalidade, cada ponto da curva fechando toda a curva. Enfim, é a maneira pessoal de realizar os atos culturais que lhes confere a qualidade propriamente cultural: assim a desenvoltura irônica, a elegância preciosa ou a segurança estatutária que permite a naturalidade ou a atribuição da naturalidade são quase sempre próprias aos estudantes oriundos das classes altas, nas quais essas maneiras exercem o papel de sinal de pertencimento à elite.

A ação do privilégio é percebida, na maioria das vezes, somente sob suas formas mais brutais, recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o ensino e suas possibilidades. De fato, o essencial da herança cultural se transmite de maneira mais discreta e mais indireta e mesmo na ausência de todo esforço metódico e de toda ação manifesta. Nos meios mais “cultos” é talvez menos necessário pregar a devoção à cultura ou tomar, deliberadamente, nas mãos a iniciação à prática cultural. Em oposição ao meio pequeno-burguês, no qual os pais não podem transmitir outra coisa, a maior parte do tempo, que a boa vontade cultural, as classes cultas arranjam iniciações difusas muito mais bem preparadas para suscitar, por uma espécie de persuasão clandestina, a adesão à cultura.

É por isso que liceus da burguesia parisiense podem manifestar uma vasta cultura, adquirida sem intenção nem esforço e como por osmose, no momento em que lutam para não se submeter à menor pressão da parte de seus pais:

“Você vai aos museus?” – “Não muito frequentemente. Não se ia muito aos museus de pintura com o liceu, sobretudo aos museus de história. Meus pais me levavam sobretudo ao teatro. Não se vai muito ao museu” – “Quais são seus pintores preferidos?” – “Van Gogh, Braque, Picasso, Monet, Gauguin, Cézanne. Eu não os vi no original. Eu os conheço por livros, é em casa que eu olho. Eu toco um pouco de piano. É tudo. Eu gosto sobretudo de ouvir música mais do que de tocar. Tem-se muito de Bach, Mozart, Schubert, Schumann” – “Seus pais aconselham leituras?” – “Eu leio

o que quero. Temos muitos livros. Eu pego os que me dá vontade” (Filha de professor, 13 anos, 4º clássico, liceu de Sèvres).

Mas se as diferenças que separam os estudantes no domínio da cultura livre sempre remetem a privilégios ou a desvantagens sociais, elas nem sempre têm o mesmo sentido quando as referimos às expectativas professorais: na verdade, os estudantes mais desfavorecidos podem, na falta de outros recursos, encontrar nas condutas mais escolares, como a leitura das obras de teatro, um meio de compensar sua desvantagem. Da mesma maneira, se a erudição cinematográfica é repartida conforme a lógica do privilégio que oferece aos estudantes oriundos dos meios bem-sucedidos o gosto e o lazer de transferir aos domínios extraescolares os hábitos cultivados, a frequência dos cineclubes, prática ao mesmo tempo econômica, compensadora e quase escolar, parece ser sobretudo o feitiço dos estudantes das classes médias. Para os indivíduos originários das camadas menos favorecidas, a escola permanece a única via de acesso à cultura, e isso em todos os níveis do ensino; portanto, ela seria a via real da democratização da cultura se não consagrasse, ignorando-as, as desigualdades iniciais em relação à cultura e se não chegasse com frequência – reprovando por exemplo um trabalho escolar por ser muito “escolar” – a desvalorizar a cultura que ela mesma transmite em favor da cultura herdada que não leva a marca reles do esforço e tem, por isso, todas as aparências da facilidade e da graça.

Divergindo de todo um conjunto de predisposições e de pré-saberes devidos ao seu meio, os estudantes são apenas *formalmente* iguais na aquisição da cultura erudita. Na verdade, eles estão separados, não por divergências que distinguiriam cada vez categorias estatísticas diferenciadas sob uma relação diferente e por razões diferentes, mas por sistemas de traços culturais que partilham, ainda que não reconheçam, com sua classe de origem. No conteúdo e na modalidade do projeto profissional como no tipo de conduta universitária posta a serviço dessa vocação ou nas orientações mais livres da prática artística, enfim, em tudo o que define a relação que um grupo de estudantes estabelece com seus estudos, exprime-se a relação fundamental que sua classe social mantém com a sociedade global, com o sucesso social e com a cultura.²⁰

²⁰ A enquete empírica apreende essas totalidades significativas somente por perfis sucessivos, pois deve recorrer a indicadores que esmiúçam o objeto da análise.

Todo ensino, e mais particularmente o ensino de cultura (mesmo científica), pressupõe implicitamente um corpo de saberes, de saber-fazer e sobretudo de saber-dizer, que constitui o patrimônio das classes cultas. Educação *ad usum delphini*, o ensino secundário clássico veicula significações de segundo grau, dando-se por adquirido todo um tesouro de experiências de primeiro grau, leituras suscitadas tanto quanto autorizadas pela biblioteca paterna, espetáculos de escolhas que não se pode escolher, viagens em forma de peregrinação cultural, conversações alusivas que esclarecem apenas as pessoas já esclarecidas. Disso não resulta uma desigualdade fundamental diante desse jogo de privilégios no qual todos devem entrar pois apresenta-se a eles munido dos valores da universalidade? Se os filhos das classes desfavorecidas percebem com frequência a iniciação escolar como aprendizagem do artífice e do discurso-de-uso-dos-professores, não é precisamente porque para eles a reflexão erudita deve preceder a experiência direta? É preciso ensinar-lhe em detalhe o plano do Parthénon sem nunca ter saído de sua província e discorrer ao longo de seus estudos, com a mesma insinceridade obrigatória, sobre os não-sei-o-quê e os lítotes da paixão clássica ou sobre as nuances infinitas e infinitesimais do bom gosto. Repetir que o conteúdo do ensino tradicional distancia a realidade de tudo o que ele transmite é ocultar que o sentimento da irrealidade é muito desigualmente experimentado pelos estudantes dos diferentes meios.

Crer que são dadas a todos oportunidades iguais de acesso ao ensino mais elevado e à cultura mais alta quando se garantem os mesmos meios econômicos aos que têm os “dons” indispensáveis é ficar no meio do caminho na análise dos obstáculos e ignorar que as aptidões medidas pelo critério escolar têm, mais do que “dons” naturais (que permanecem hipotéticos tanto que se pode imputar a outras causas as desigualdades escolares), uma maior ou menor afinidade entre os hábitos culturais de uma classe e as exigências do sistema de ensino ou os critérios que para ele definem o sucesso. Enquanto se dirigem para os ensinos ditos de cultura que contribuem com uma parte sempre muito importante para determinar as chances de fazer estudos “nobres” (a ENA²¹ ou Politécnica tanto quanto

²¹ *École nationale d'administration* (Escola Nacional de Administração). (N.T.)

a agregação²² de letras), os alunos devem assimilar todo um conjunto de conhecimentos e de técnicas que nunca são completamente dissociáveis de valores sociais, frequentemente opostos aos de sua classe de origem. Para os filhos de camponeses, de operários, de empregados ou de pequenos comerciantes, a aquisição da cultura escolar é aculturação.

Se os próprios interessados raramente vivem sua aprendizagem como renúncia e renegação, é porque os saberes que devem conquistar são altamente valorizados pela sociedade global e essa conquista simboliza a ascensão à elite. Também é preciso distinguir entre a facilidade em assimilar a cultura transmitida pela escola (ainda maior quando a origem social é mais elevada) e a propensão em adquiri-la, a qual atinge seu máximo de intensidade nas classes médias. Ainda que o desejo de ascensão pela escola seja tão forte nas classes inferiores quanto nas classes médias, permanece onírico e abstrato tanto quanto as chances objetivas de satisfazê-lo são ínfimas. Os operários podem ignorar tudo da estatística que estabelece que um filho de operário tem duas chances em cem de acesso ao ensino superior, mas seu comportamento parece regular-se objetivamente a partir de uma estimativa empírica dessas esperanças objetivas, comuns a todos os indivíduos de sua categoria. É a pequena burguesia, classe de transição, que adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola promete preencher todas as expectativas confundindo os valores do sucesso social com os do prestígio cultural. Os membros das classes médias distinguem-se (e entendem distinguir-se) das classes inferiores atribuindo à cultura da elite, da qual frequentemente têm um conhecimento longínquo, um reconhecimento decisório que revela sua boa vontade cultural, sua intenção vazia de acesso à cultura. É portanto sob a dupla relação da facilidade em assimilar a cultura e da propensão em adquiri-la que os estudantes oriundos das classes camponesas e operárias estão em desvantagem: até recentemente, eles nem sequer conseguiam encontrar, em seu meio familiar, a incitação ao esforço escolar que permite às camadas médias compensar o desapossamento pela aspiração à posse e seria necessária uma série contínua de sucessos (assim como os conselhos reiterados do professor primário) para que uma criança fosse encaminhada para o liceu, e assim por diante.

²² Do original "agrégation", concurso para atuar como professor de liceu ou de faculdade e que confere aos aprovados o título de professor agregado ("agrégé"). (N.T.)

Se é preciso lembrar semelhantes evidências, é porque o sucesso de alguns faz com frequência esquecer que eles devem unicamente a aptidões particulares e a certas particularidades de seu meio familiar o fato de superar suas desvantagens culturais. Já que o acesso ao ensino superior é considerado por alguns como uma sequência interrompida de milagres e esforços, a igualdade relativa entre sujeitos selecionados com um rigor muito desigual pode dissimular as desigualdades que o fundam.

O sucesso escolar atingiria amplamente tanto os estudantes originários das classes médias quanto os estudantes originários das classes cultas, uns e outros permaneceriam separados por diferenças sutis na maneira de abordar a cultura. Não se ignora que o professor que opõe o aluno "brilhante" ou "dotado" ao aluno "sério" não julga, em muitos casos, nada além da relação com a cultura à qual um e outro estão socialmente prometidos pelo seu nascimento. Inclinado a engajar-se totalmente na aprendizagem escolar e a mobilizar em seu trabalho as virtudes profissionais que valoriza seu meio (por exemplo, o culto ao trabalho realizado rigorosamente e com dificuldade), o estudante das classes médias será julgado pelos critérios da elite culta, de que muitos professores naturalmente lançam mão por conta própria, ainda e sobretudo quando seu pertencimento à "elite" data de sua ascensão ao "magistério". A imagem aristocrática da cultura e do trabalho intelectual apresenta tantas analogias com a representação mais comum da cultura acabada que se impõe até mesmo aos espíritos menos suspeitos de complacência com as teorias da elite, impedindo-os de ir além da reivindicação da igualdade formal.

A reconversão da tábua de valores que, por uma mudança de sinal, transforma a seriedade em espírito de seriedade e a valorização do trabalho em mesquinhez baixa e laboriosa, suspeita de compensar a ausência de dons, opera-se quando o *ethos* pequeno-burguês é julgado do ponto de vista do *ethos* da "elite", isto é, medido segundo o diletantismo do homem culto e bem-nascido que sabe sem se sacrificar para adquirir seu saber e que, seguro de seu presente e de seu futuro, pode consagrar-se à elegância do desinteresse e correr os riscos da virtuosidade. Ora, a cultura da elite é tão próxima da cultura da escola que a criança originária de um meio pequeno-burguês (e *a fortiori* camponês ou operário) só pode adquirir laboriosamente o que é dado ao filho da classe culta, o estilo, o gosto, o espírito, enfim, esses saberes e esse saber-viver que são naturais a uma

classe, porque são a cultura dessa classe.²³ Para uns, a aprendizagem da cultura da elite é uma conquista, pela qual se paga caro; para outros, uma herança que compreende ao mesmo tempo a facilidade e as tentações da facilidade.

Se as vantagens ou as desvantagens sociais pesam tão fortemente sobre as carreiras escolares e, geralmente, sobre toda a vida cultural, é porque, de forma percebida ou despercebidamente, elas são sempre cumulativas. Por exemplo, a posição do pai na hierarquia social está fortemente ligada a uma posição semelhante dos outros membros da família, ou, ainda, ela não é independente das chances de fazer seus estudos secundários numa grande ou numa pequena cidade pois sabe-se que estão significativamente ligadas a graus desiguais de conhecimento e de prática artística. Essa é apenas uma das manifestações mais longínquas da influência do fator geográfico que determina primeiramente desigualdades distintas nas chances de acesso ao ensino secundário e ao ensino superior: a taxa de escolarização varia de menos de 20% a mais de 60% segundo os departamentos para a faixa etária de 11 a 17 anos e de menos de 2% a 10% para a faixa etária de 19 a 24 anos, essas diferenças resultando ao mesmo tempo da parcela da população ativa empregada na agricultura e da dispersão do hábitat. Na verdade, o fator geográfico e o fator social de desigualdade cultural nunca são independentes porque, como se viu, as chances de residir numa cidade grande, onde as possibilidades de acesso ao ensino e à cultura são maiores, aumentam à medida que se ascende na hierarquia social: por isso se vê oporem-se, no domínio dos conhecimentos artísticos, os dois grupos extremos que constituem, de um lado, os filhos e netos de quadros superiores que passaram sua infância e sua adolescência em Paris e, de outro, os filhos e netos de populações camponesas que passaram sua infância e sua adolescência em cidades de menos de cinquenta mil habitantes.

Assim, ignorada ou recusada, a influência dos fatores sociais de diferenciação exerce-se no meio estudantil, mas sem se dever a um determinismo mecânico. É preciso, por exemplo, evitar crer que o

²³ Pode-se apreender as contradições que implica a conquista laboriosa do “dom” nos dramas psicológicos e intelectuais aos quais esse milagre condena os que são suas vítimas: Péguy não é alguém que somente conseguiu superar a consciência infeliz de sua eleição ao transfigurá-la em sua obra, solução mítica de seu drama social?

patrimônio cultural favorece automaticamente e igualmente todos os que o recebem. Na verdade, perceberam-se ao menos duas maneiras de situar-se em relação ao privilégio e dois tipos de ações do privilégio. A ameaça da dilapidação está vinculada ao próprio fato de herdar, sobretudo quando se trata de cultura, isto é, de uma aquisição na qual a maneira de adquirir é constitutiva daquilo que é adquirido. Quando está implicada no lazer superficial dos jogos de boa sociedade, essa herança não produz na mesma proporção e nos diferentes níveis dos estudos o perfil escolar que assegura aos sujeitos originários das classes baixas a inclinação forçada a dirigir-se às posições mais seguras. Ao contrário, utilizada racionalmente, a herança cultural favorece o sucesso escolar, sem se sujeitar aos interesses, mais ou menos estreitos, definidos pela escola; o pertencimento a um meio culto e informado das verdadeiras hierarquias intelectuais ou científicas permite relativizar as influências do ensino que pesam sobre outras com muita autoridade ou prestígio. Também seria fácil mostrar que se os sujeitos das classes desfavorecidas têm maiores chances de se deixar esmagar pela força do destino social, eles também podem, excepcionalmente, encontrar no excesso de sua desvantagem a provocação para superá-la: a energia soreliana²⁴ e a ambição rastignaciana²⁵ exprimir-se-iam tão fortemente e geralmente nos filhos de operários ou pequeno-burgueses que chegaram ao ensino superior se esses estudantes não tivessem escapado à sorte comum?

Seria preciso estudar com mais precisão as causas ou as razões que determinam esses destinos excepcionais, mas tudo leva a pensar que elas seriam encontradas em singularidades do meio familiar. Considerando que, como se viu, as chances objetivas de acesso ao ensino superior são *quarenta vezes* maiores para um filho de quadro superior do que para um filho de operário, poder-se-ia esperar por meio da enquete encontrar a mesma relação, aproximadamente, entre os números médios de indivíduos que fazem os estudos superiores nas famílias operárias e nas famílias de quadros superiores. Ora, constata-se, num grupo de estudantes de medicina, que a média dos membros da família estendida que fizeram ou fazem estudos superiores varia somente do *simples ao quádruplo* entre os

²⁴ A expressão *énergie sorélienne* é inspirada no engenheiro francês, teórico do sindicalismo revolucionário, Georges Eugène Sorel (1847-1922). (N.T.)

²⁵ A expressão *ambition rastignacienne* é inspirada no personagem Eugène de Rastignac da obra do escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850). (N.T.)

estudantes originários das classes baixas e os filhos de quadros superiores.²⁶ Assim, os estudantes originários das camadas desfavorecidas que têm acesso ao ensino superior diferem profundamente, ao menos nessa relação, dos outros indivíduos de sua categoria. A presença no círculo familiar de um parente que fez ou faz estudos superiores mostra que essas famílias apresentam uma situação cultural original, ainda que apenas por proporem uma esperança subjetiva maior de acesso à universidade. Sob reserva de verificações, pode-se supor que é a ignorância relativa de sua desvantagem (fundada numa estatística intuitiva de suas chances escolares) que preserva esses sujeitos de uma das desvantagens mais reais de sua categoria, a saber: o reconhecimento resignado para perseguir estudos "impossíveis". É talvez porque os estudantes originários das classes baixas são de fato oriundos da fração menos desfavorecida das camadas mais desfavorecidas que a representação das classes baixas no ensino tenda a se estabilizar quando esta categoria marginal se reduz: por exemplo, após ter aumentado regularmente a proporção de filhos de operários que fazem estudos secundários, essa proporção não passa atualmente de 15%.

Se privilégios de natureza tão diferente quanto a residência parisiense ou o pertencimento à classe culta estão quase sempre associados à mesma atitude em relação à escola e à cultura, é porque, ligados nos fatos, eles favorecem a adesão a valores cuja raiz comum não é outra senão o próprio fato do privilégio. O peso da hereditariedade cultural é tão grande que nele se pode encerrar-se de maneira exclusiva sem ter necessidade de excluir, pois tudo se passa como se somente fossem excluídos os que se excluem. A relação que os sujeitos mantêm com sua condição e com os determinismos sociais que a definem faz parte da definição completa de sua condição e dos condicionamentos que ela lhes impõe. Esses determinismos não têm necessidade de ser conscientemente percebidos para forçarem os sujeitos a se determinarem em relação a eles, isto é, em relação ao *futuro objetivo* de

²⁶ Empréstamos da Senhora S. Ferge, do Ofício Central de Estatística Húngara, esse indicador das chances escolares na escala do grupo familiar, isto é, da maneira que o sujeito pode percebê-las concretamente. A família estendida compreendia os avós, os pais, os irmãos e irmãs, os irmãos e irmãs dos pais e os primos de primeiro grau. A diferença constatada entre as chances de fazer estudos superiores próprios a uma camada social e o número real de membros da família estendida dos estudantes pertencentes a esta categoria que fizeram ou fazem esses estudos é significativa *a fortiori* pois a taxa de escolarização cresceu regularmente de uma geração a outra.

sua categoria social. Pode até ser, geralmente, que a ação dos determinismos seja ainda mais impiedosa quanto mais ignorada for a extensão de sua eficiência.

É por isso que não há maneira melhor de servir ao sistema acreditando combatê-lo do que imputar unicamente às desigualdades econômicas ou a uma vontade política todas as desigualdades diante da escola. O sistema de educação pode na verdade assegurar a perpetuação do privilégio unicamente pelo jogo de sua própria lógica; dito de outra forma, ele pode servir aos privilégios sem que os privilégios tenham que se servir dele: em seguida, toda reivindicação que tende a autonomizar um aspecto do sistema de ensino, ainda que se tratando do ensino superior na sua totalidade, ou, por abstração ao segundo grau, de um ou outro aspecto do ensino superior, serve objetivamente ao sistema e a tudo o que serve ao sistema, pois basta deixar esses fatores agirem, da escola maternal ao ensino superior, para assegurar a perpetuação do privilégio social. É por isso que os mecanismos que asseguram a eliminação das crianças das classes inferiores e médias agiriam quase tão eficazmente (mas mais discretamente) no caso de uma política sistemática de bolsas de estudos ao tornar formalmente iguais diante da escola os sujeitos de todas as classes sociais; poder-se-ia portanto, com mais justificativas do que nunca, imputar à desigualdade dos dons ou à aspiração desigual à cultura a representação desigual das diferentes camadas sociais nos diferentes níveis do ensino.

Enfim, a eficácia dos fatores sociais de desigualdade é tamanha que a igualização dos meios econômicos poderia ser realizada sem que o sistema universitário deixasse de consagrar as desigualdades pela transformação do privilégio social em dom ou em mérito individual. Ou melhor, realizada a igualdade formal das chances, a escola poderia pôr todas as aparências da legitimidade a serviço da legitimação dos privilégios.